

## PESSIMISMO E REDES INTELLECTUAIS EM PUEBLO ENFERMO (1909) DE ALCIDES AGUEDAS (1879-1946)

### PESSIMISM AND INTELLECTUAL NETWORKS IN PUEBLO ENFERMO (1909) BY ALCIDES AGUEDAS (1879-1946)

Cláudio Diniz<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa a obra *Pueblo enfermo* (1909), do escritor boliviano Alcides Arguedas, a partir da perspectiva da história das ideias, com ênfase nas redes intelectuais às quais o autor esteve vinculado e no pessimismo como marca estruturante de sua análise sociológica da Bolívia. A obra é examinada no contexto das derrotas nacionais (Guerra do Pacífico e Guerra do Chaco), das ideias racistas e do regeneracionismo, evidenciando a forma como Arguedas construiu uma imagem do país como moral e racialmente degenerado. O artigo destaca a adoção de categorias como “raça”, “meio” e “momento histórico”, herdadas do positivismo e da tradição francesa (Taine, Gobineau), na constituição de um diagnóstico patológico da nação. O estudo ainda explora o diário pessoal de Arguedas como fonte para compreender o processo de criação, recepção e reformulação da obra, especialmente na terceira edição de 1937, que incorpora um capítulo sobre a ascensão dos militares bolivianos. A filiação de Arguedas ao arielismo, ao regeneracionismo espanhol e às redes latino-americanas de ensaístas do início do século XX evidencia como sua crítica pessimista integrou um circuito transnacional de circulação de ideias. Embora impregnada pelo racismo científico, a obra propõe uma terapêutica fundada na cultura e na educação, expressando a tensão entre degeneração e regeneração no pensamento social latino-americano da época.

**Palavras chaves:** Alcides Arguedas; pessimismo; racismo científico; redes intelectuais;

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela UFRJ

regeneracionismo.

**Abstract:** This article analyzes the work *Pueblo enfermo* (1909), by Bolivian writer Alcides Arguedas, from the perspective of the history of ideas, with an emphasis on the intellectual networks to which the author was linked and on pessimism as a structuring mark of his sociological analysis of Bolivia. The work is examined in the context of national defeats (War of the Pacific and Chaco War), racist ideas and regenerationism, highlighting the way in which Arguedas constructed an image of the country as morally and racially degenerate. The article highlights the adoption of categories such as “race”, “environment” and “historical moment”, inherited from positivism and the French tradition (Taine, Gobineau), in the constitution of a pathological diagnosis of the nation. The study also explores Arguedas’ personal diary as a source for understanding the process of creation, reception and reformulation of the work, especially in the third edition of 1937, which includes a chapter on the rise of the Bolivian military. Arguedas's affiliation with Arielism, Spanish regenerationism, and Latin American essayist networks from the early 20th century highlights how his pessimistic critique was part of a transnational circuit of circulation of ideas. Although imbued with scientific racism, the work proposes a therapeutic approach based on culture and education, expressing the tension between degeneration and regeneration in Latin American social thought at the time.

**Keywords:** Alcides Arguedas; pessimism; scientific racism; intellectual networks; regenerationism.

## Introdução

*Pueblo Enfermo* é a obra mais conhecida do escritor Alcides Arguedas e, sem dúvida, a mais polêmica. Em dois momentos, pelo menos, esse livro foi impactante no contexto político e social boliviano. A primeira edição foi lançada ainda sob o peso da derrota, e a consequente perda do litoral boliviano, ao fim da Guerra do Pacífico (1879-1883). A terceira e definitiva edição foi

lançada imediatamente após a derrota boliviana para o Paraguai na Guerra do Chaco (1932-1935) e a subsequente ascensão dos militares fortalecidos pelos cinco anos dessa contenda.

Desnecessário dizer que Alcides Arguedas explicou as razões do fracasso boliviano como povo e nação em acordo com as ideias predominantes em seu tempo como o arielismo, o racismo científico, o positivismo e o regeneracionismo. O que é preciso assinalar é que as concepções eidológicas de sua época partiam de filiações a redes intelectuais que direcionavam o foco narrativo de acordo com padrões de intenção que tentaremos apresentar mais adiante.

É importante assinalar também que boa parte do processo de gestação, editoração e a fortuna crítica de *Pueblo enfermo* ficaram registrados no diário pessoal de Alcides Arguedas. Esse documento revela um lado, por assim dizer, quase desconhecido da obra. Principalmente naquilo que diz respeito às redes intelectuais compartilhadas por Alcides Arguedas.

No artigo que segue, gostaríamos de analisar a obra *Pueblo Enfermo*, de Alcides Arguedas, na perspectiva das ideias que nortearam sua narrativa. Nesse sentido, é preciso contextualizar a obra para compreendermos a atmosfera de sua produção. De modo que deveremos analisar o impacto de *Pueblo Enfermo* em dois momentos específicos, o do lançamento e o da terceira e definitiva edição. Após o que, passaremos à observação propriamente dita da presença do racismo científico (na perspectiva do positivismo e do Regeneracionismo) como expressão determinante da análise arguediana sobre o povo e a nação boliviana. Finalmente, buscaremos averiguar a adoção da ideia pessimista em *Pueblo Enfermo* de acordo com as redes intelectuais compartilhadas por Alcides Arguedas em seu diário pessoal.

## **História e tragédia**

Um primeiro aspecto que chama a atenção quando se estuda a obra de Arguedas é o contexto de sua produção. No caso de *Pueblo Enfermo*, esse aspecto é emblemático. A obra, como dissemos, foi escrita e reescrita em dois momentos marcantes da história boliviana: sob os impactos da Guerra

do Pacífico e da Guerra do Chaco.

A primeira edição de *Pueblo enfermo* apresenta uma denúncia de Alcides Arguedas ao governo conservador de Ismael Montes (1904-1909), então vitorioso na Bolívia. Nesse sentido, a obra assume um caráter panfletário na medida em que provinha do seio da juventude regeneracionista pacenha que se levantava contra o liberalismo entreguista e autoritário de Montes. Disso resulta sua constatação de que aquele país, longe de caminhar para o progresso, encontrava-se mais doente que nunca (MEDINA. 1986. Pp. 177-186.). Para além das fronteiras nacionais, a obra tem um caráter universalizante porque pressupõe uma crítica às sociedades hispanoamericanas ao inscrever-se na literatura sociológica por um “criticismo flagelador e marcada, já no título, pelo selo do enfermo, do patológico” (MEDINA. 1996. P. 432.).

A Guerra do Pacífico foi provocada, principalmente, pelo interesse de empresas anglochilenas nas minas de salitre e depósitos de guano no litoral boliviano. O afastamento do governo do general Daza do litoral e o descaso pelas populações que o ocupavam resultou na derrota para o Chile numa guerra onde a Bolívia esteve em desvantagem desde o início. A falta de unidade e de comunicação em território boliviano e os interesses econômicos contrários aos do povo por parte das oligarquias deste país, podem explicar as razões da guerra. Em poucos meses as tropas chilenas que se concentravam em Valparaíso atacaram territórios bolivianos e peruanos. Com a queda de Daza e a ascensão do general Campero, em 1880, os dois países atacados se uniram para serem derrotados na batalha de Alto de la Alianza (Tacna) naquele mesmo ano. A partir de então, a Bolívia perdia seu litoral para o Chile e chegava ao fim o governo dos caudilhos (VARGAS. 2007. e GISBERT. 2008.).

A mudança de foco de poder era evidente. Tanto que em 1899, constitucionalistas e federalistas se enfrentaram em uma guerra civil que teve a cidade de La Paz como epicentro. As razões desse conflito estavam ligadas ao desgaste dos governos conservadores e ou caudilhescos que detiveram o poder por mais de 20 anos e à crescente popularidade dos liberais. Soma-se a isso, a força acumulada pelo departamento de La Paz com a adição dos batalhões indígenas comandados por Pablo Zárate, “o temível Willka” (GISBERT. 2008. Pp. 406-409.).

A guerra acabou em 1899 com a vitória dos liberais comandados por Willka e pelo futuro presidente José Manuel Pando. No fim, Pando rompeu seu acordo com Zárate Willka, por este continuar sublevando as camadas populares. Em abril de 1899, Willka e seu estado maior foram feitos prisioneiros em Sicasica. No cárcere foi acusado de massacres ocorridos durante a guerra e, a crer em Manuel Vargas, foi assassinado em circunstâncias misteriosas no ano de 1903. No ano seguinte, o governo Pando, assinou um acordo cedendo o litoral boliviano ao Chile em troca da construção de uma estrada de ferro que ligava Arica a la Paz, dinheiro e o livre trânsito pelos portos do Pacífico (VARGAS. 2007.).

O regime de governos civis instaurado na Bolívia após os eventos de 1899, dispunha de recursos fiscais abundantes para a exploração da prata e do estanho que viria a dominar a pauta de exportações do país. A Bolívia adequou-se perfeitamente ao modelo econômico dos mineradores. O país vivia mudanças profundas em sua estrutura econômica e social. De acordo com Herbert Klein, “o novo século coincidiu com a subida ao poder de um novo partido político e a criação de uma nova indústria mineira” (2008. P. 173.).

No entanto, a crise social tendia a agudizar-se devido às reivindicações dos novos atores sociais conscientes do sistema excludente em que estavam inseridos e das crises que as economias mundial e boliviana enfrentavam. A tensão política em aumento nos anos vinte, combinada com as crises políticas que se aprofundavam e os inícios da grande depressão, despertaram um “processo político-social até então desconhecido dos bolivianos” (KLEIN. 2008. P. 185.).

Com a subida ao poder de Daniel Salamanca em 1931, as elites políticas e econômicas bolivianas trataram de esconder a crise econômico-social que colocava a grande maioria da população na rota da miséria e da submissão. As questões índia, agrária, operária e econômica ocupavam a pauta principal dos debates nacionais. Prosseguia a falta de integração entre os diversos povos que habitavam a Bolívia. Continuava a falta de integração e conhecimento entre diversos povos que, por viverem em regiões geográficas distintas, não se viam como parte da nação. Além disso, havia o interesse de companhias estrangeiras (Standard Oil na Bolívia e Royal Dutch Shell no Paraguai) no

petróleo da região do Chaco, território fronteiro entre Bolívia e Paraguai.

A partir de 1932 começaram as escaramuças de uma guerra desastrosa para a Bolívia e, certamente, não menos prejudicial para o Paraguai. Para a guerra marcharam operários, camponeses, e intelectuais, mas o grosso das tropas estava composto por quechuas, aimaras e guaranis das fazendas e das comunidades aldeãs. De acordo com Manuel Vargas, “eram levados à força como nos tempos da mita, e eles nem sequer sabiam a que nem porque iam. Devido a isso houve muitos protestos nas fazendas e nas comunidades” (2007. P. 82.).

Após a Guerra do Chaco, a economia boliviana encontrava-se em frangalhos e isso abriu as portas para que aventureiros dominassem a política do país. Os militares que retornaram do Chaco foram os primeiros a ascenderem aos cargos de mando. Uma greve dirigida pelo sindicato dos gráficos, em 1936, resultou na subida do cel. David Toro ao poder apoiado pelas camadas populares que desconfiavam das oligarquias locais. De pronto foi seguido na presidência por outros jovens militares como Germán Busch e Carlos Quintanilla. As razões disso não se explicam na vontade da população de ter um governo militar, mas na insatisfação com os governos tradicionais.

A terceira e definitiva edição (1937) é marcada pelo selo da Guerra do Chaco. Esta é, sem dúvida, muito mais política e crítica que as edições anteriores. Vinte e oito anos depois, a revisão que Arguedas impôs ao seu livro causou tanto impacto quanto aquele que ocorreu com o lançamento da primeira edição. O desastre do Chaco, como já vimos, provocou convulsões sociais profundas e os militares que retornavam alcançaram os primeiros postos do governo com o apoio popular.

A revisão imposta por Arguedas à terceira edição tem caráter panfletário na medida em que se torna uma denúncia ao saldo catastrófico da guerra e a ascensão dos militares. E os militares, prenunciava Arguedas, andam dispostos “a escrever uma página entre as páginas lodosas e sangrentas da história desse país com triste e vergonhosa história” (1937. P. 258.). Toda a confusão que se estabelecia no cenário político-social boliviano provinha de um povo que parecia ter perdido sua virilidade nas “areias do Chaco” (1937. P. 267.).

## Raça e desenvolvimento

A marca do enfermo ou patológico, como já se disse, é uma característica indelével da obra de Arguedas. A conjunção meio, raça e momento histórico, em sua concepção, dá conta da realidade boliviana e serviu para a construção de Pueblo enfermo. Segundo Paz Soldán, “embora Arguedas indique múltiplas causas do atraso na modernização do país, estas derivam das três principais propostas de Taine para a análise da psicologia de uma nação: race, milieu et temp” (2003. P. 78.).

Os critérios racistas do pensamento científico contemporâneo nortearam as ideias e concepções de Alcides Arguedas e estigmatizaram sua obra. Durante as últimas décadas do século XIX, bem como na primeira metade do século XX, o ideário racista era presença frequente e obrigatória nas análises que buscavam dar conta das realidades nacionais na América. Não seria muito exagero afirmar que a maioria das obras produzidas com a disposição de estabelecer uma crítica da formação nacional nos países americanos do período foram guiadas pelo escopo do racismo científico. A noção de raça para Arguedas não incluía a noção de pureza racial como faz notar o autor:

As raças, por outra parte e como tem feito notar Novicow, Lacombe, Colajanni, Finot e outros, existiram puras nos tempos da pré-história; hoje, seja por pacífica penetração, por conquista ou quaisquer outras causas, fundiram-se, feito uma, por assim dizer, e só restam intocadas em lugares ainda não invadidos pela atividade dos povos colonizadores e sua cultura é pouco menos que rudimentar. Evidente prova disto, é, entre nós, por exemplo, o estado cultural dos povos que mais desenvolvimento alcançaram entre os muitos povoadores dessa parte do continente; o quechua e o aimara. Os dois não só não conservaram a adiantadíssima civilização que possuíam em tempos da conquista senão que perderam em absoluto, se bem que esta perda seja explicada por causas fáceis de estabelecer, não deixa de surpreender que hoje em dia permaneçam irredutíveis ao contato de outros povos e não guardem nem a mais remota noção de suas instituições (ARGUEDAS. 1937. P. 33.).

Juan Albarracin Millán afirma que Alcides Arguedas descreve com ambiguidade a psicologia racial do indígena, afirma que a raça branca é responsável pela colonização brutal da América e que

a raça mestiça é a grande vilã na triste história social americana. No entanto, Millán adverte, “o juízo positivista adquire características políticas” (1979. P. 193.). Assim, as determinações raciais, mesmo assinaladas pelo pensamento de Le Bon e Gobineau, ganham contornos mais suaves diante do projeto político de Alcides Arguedas. Os males da nação, afirma Millán, não vinham de sua estrutura, mas da conduta individual de seus membros. Ainda assim, “a raça, para Arguedas, pesa verticalmente sobre o homem. Sua ação é permanente e decisiva e somente a moral e a cultura podem atenuá-la” (MILLÁN. 1979. P. 196.). Carlos Medinaceli também está de acordo com essa ideia e, a respeito do racismo na obra de Arguedas, acrescenta que “tanto Pueblo enfermo, como seus livros de história, estão carregados de preconceitos raciais e de casta ao extremo” (1972. P. 18.). Além disso, os critérios racistas e moralizadores de Arguedas, segundo Medinaceli, já foram superados.

No que tange à subjetividade do discurso racial, sabemos de seu uso conveniente pelas nações neocolonizadoras entre fins do século XIX até a 1ª Guerra Mundial. Caracterizar os povos ditos selvagens como primitivos era uma justificativa interessante para aqueles que procuravam dominá-los (ver: APPIAH. 1997; BRUNSCHWIG. 1974; HOBSBAWM. 1988; OLIVER. 1994.). Miguel Gomes assinala que o discurso racista é naturalizado através da retórica literária. Metáforas que justificam outras metáforas. De acordo com Gomes (2005-2006.), “a captação de certos códigos verbais permite vislumbrar o esforço da raciologia em desenvolver uma sociedade estruturada na diferença e sustentada na distribuição desigual de poderes”.

Em Pueblo enfermo, Arguedas busca demonstrar que há uma dicotomia gritante entre raça e meio geográfico na Bolívia. “Tudo é imenso na Bolívia, tudo, menos o homem” (1937. P. 99.). Entre as populações indígenas, por exemplo, excetuando-se os povos que estiveram dentro dos limites do império incásico do Tahuatinsuyo (o império dos quatro cantos), há aquelas que vivem longe do contato civilizador europeizante. Vivem, segundo Arguedas, como seres primitivos, como bárbaros, sem nenhuma noção de deveres políticos ou sociais. “É como se vivesse uma raça de bestas úteis para certos fins” (1937. P. 23.). Essa finalidade ficaria reduzida apenas na servidão ou na higienização dos bosques e matas onde habitam. Os outros, aqueles indígenas que Arguedas não via como bestas, foram

moralmente vencidos e debilitados pelos maus tratos e exploração dos brancos. De modo que, “ante a brutalidade do branco, busca, como toda raça débil sua defesa nos vícios femininos da mentira, da hipocrisia, a dissimulação e o engano” (1937. P. 51.). De modo que, na leitura da obra, fica explícita a hipótese arguediana de que a raça indígena foi brutalizada e debilitada. O mesmo não pode ser dito na análise que o autor efetua da psicologia do cholo.

A “raça mestiça”, para Alcides Arguedas, era uma quantidade negativa. Os cholos, expressão que, de acordo com o autor, significa pequeno, digno de proteção, herdaram todos os vícios e inaptidões do cruzamento entre brancos e índios. Segundo Alcides Arguedas,

do abraço fecundante da raça branca, dominadora, e dos índios, raça dominada, nasce a mestiça, trazendo por herança os traços característicos de ambas, porém mesclados em uma amálgama estupenda às vezes, porque determina contradições nesse caráter que de pronto se faz difícil de explicar, pois trás do ibero sua belicosidade, seu ensimesmamento, seu orgulho e vaidade, seu acentuado individualismo, sua ribombante oratória, seu invencível nepotismo, seu fulanismo furioso, e do índio, sua submissão aos poderosos e fortes, sua falta de iniciativa, sua passividade ante os males, sua inclinação indomável à mentira, ao engano e à hipocrisia, sua vaidade exasperada por motivos de pura aparência e sem base de nenhum grande ideal, seu gregarismo, por último, e, como arremate de tudo, sua tremenda deslealdade (1937. P. 57.).

Observa-se na citação acima que Arguedas manifesta um profundo desprezo pelos cholos e, a eles, imputa a causa de todos os males da Bolívia. Sua análise é profundamente moralizante à medida que avalia características psicológicas. Nesse sentido, também é carregada de subjetividades considerando a dificuldade de quantificar tais características.

A análise de Arguedas é bem menos crítica quando se trata dos brancos. No entanto, na Bolívia, estes sofrem o mal da empregomania. O caráter indoespanhol para Arguedas é a propensão de alcançar tudo com a ajuda do Estado. Guillermo Francovich assinala que os brancos sofreram um processo de mestiçagem moral que degenerou seu caráter (1979. P. 16.). De acordo com Alcides Arguedas,

o branco em seus aborrecimentos é mais nobre. Quando o cholo recebe uma ofensa, aspira com veemência pela vingança. Desto em dissimular seus desafetos, o é mais em forjar meios de represália, dando preferência a esses que ferem o orgulho e a suscetibilidade; e experimenta singular fruição em pôr a descoberto as debilidades da humana fraqueza, aquelas que se escondem tímida e ruborosamente, acaso porque mostrá-las é provocar a comiseração depreciativa das gentes. Se não pode tomar devida vingança do que odeia por não descobrir nele pontos vulneráveis, então acumula em sua conta as faltas de seus antepassados e joga-as na cara brutalmente, esquecendo que dentro da vulnerabilidade humana não há grupo social nem familiar, ainda que de reduzidas proporções, que não traga atrás de si uma ação desonesta, ou uma desgraça pelo menos (1937. P. 89.).

O meio e a raça, segundo o positivismo de Taine, são os fatores que determinam o caráter e a evolução dos povos. Assim, para Alcides Arguedas,

o meio geográfico e a raça são, à primeira vista, os fatores determinantes que influem para acentuar esse contraste violento que sem o menor esforço e a simples vista surpreende qualquer que pelo livro ou a observação direta se põe a estudar as diferenças substanciais entre essas duas Américas: a ruiva e a morena (1937. P. 181.).

O que chama a atenção de Arguedas para o estudo sociológico é a debilidade de alguns povos.

O que apaixona em povos é o que pessoalmente interessa. O egoísmo individual, inato nessas raças, se acentua coletivamente. Os triunfos ou os fracassos não valem nem tem significação alguma por si mesmos, senão enquanto podem ser relacionados a um homem (chefe, caudilho, presidente) ou a um grupo (partido, comuna, região). Todo o interesse geral converge-se em personalidades da política militante e serve para exaltar ou diminuir os méritos pessoais do mandante, segundo os casos ou os acontecimentos, porém sempre atribuindo-lhes ao indivíduo e não querendo conceder nenhuma importância aos fatores de ordem impessoal ou estranhos ao grupo (1937. P. 115.).

Não restam dúvidas, portanto, acerca da presença do racismo científico nas obras de análise

social produzidas entre o fim do século XIX e o princípio do século XX. Nesse período o debate sobre o problema identitário e a questão nacional colocava-se na ordem do dia, mas as análises assentavam-se sobre alicerces racialistas. O grande número de ensaístas americanos (José Enrique Rodó, César Zumeta, José Ingenieros, Monteiro Lobato, Paulo Prado, Franz Tamayo etc.) que produziu obras em um tom pessimista demonstra nossa afirmação.

O biologismo racial do fim do século afirmava a regionalização dos tipos raciais e o seu “abandono podia contribuir ainda mais para sua degeneração” (SOLDÁN. 2003. P. 83.). A análise de Arguedas, claramente influenciada pelos rasgos do racismo científico, revela as múltiplas causas da decadência do “organismo social”.

### **Pueblo enfermo no diário pessoal de Alcides Arguedas**

Algumas peculiaridades do processo de criação e edição de Pueblo enfermo podem ser vistas no Diário de Arguedas. Logo em 1906, Arguedas já anotava as dificuldades enfrentadas na sua produção:

Meu livro de análise social, ainda sem título, vai me custando muitas fadigas, muitas leituras e muitas meditações; porém o que mais me desconsola, é que irá aumentar os montes de papel impresso que se vê nas plataformas do Sena e que ninguém se dá ao trabalho de folhear. Um passeio por essas plataformas é uma lição saudável para um novelista e escritor. Aprende-se a ser parco de ambições e a descartar definitivamente o desejo de adquirir renome literário. Eu nunca pensei nisso e trabalho em coisas intelectuais porque não sei em que empregar meu tempo. É necessário, - nos aconselha Taine, - pertencer a uma família, a uma sociedade, a uma ciência, a uma arte. Eu formo parte de um conjunto social e este encontra-se atacado de graves e profundas doenças e anomalias. E pois quase ninguém atreve-se a assinalá-las, eu tomo esse trabalho e assim creio cumprir um dever. E este é o segredo de meu labor (Diário. T. I. 08/12/1906. P. 77-78.).

Percebe-se que, por esse tempo, Arguedas ainda não fazia cálculo do impacto de sua obra.

Contudo, como já fazia registros em seu diário desde 1900, é fácil imaginar que suas ambições não eram tão modestas como ele anotou.

Em abril de 1908, um ano antes da publicação de *Pueblo enfermo*, Arguedas registrava que a publicação da obra “me colocará em interdição com meu país” (Diário. T. I. 12/04/1908. P. 107). Nesse sentido, resolve pedir o prólogo ao regeneracionista Ramiro de Maeztu. “É um escritor que me satisfaz e leio sempre seus artigos com proveito” (Diário. T. I. 04/04/1908. P. 105.).

Finalmente, em setembro do mesmo ano, Arguedas conclui a obra e experimenta alguma alegria pelo trabalho realizado. Segundo as anotações do autor de *Pueblo enfermo*:

evidentemente é um bela obrinha pela execução e o colorido. Esse gesto de satisfação idiota que aparece nos lábios do bebedor, é o mesmo que põe os bolivianos quando sentam na mesa de uma cantina, ou, quando, nas antessalas do palácio, recebem o prego de sua nomeação. Sorrindo da mesma maneira ante a perspectiva do posto público ou da taça repousante (Diário. T. I. 02/09/1908. P. 115.).

Sem dúvida, naqueles dias, Arguedas experimentava uma incontida satisfação em concluir seu primeiro grande trabalho. A alegria só não era completa porque o prologuista Maeztu fazia um silêncio “desdenhoso e inculto que me surpreende e até me alarma um pouco” (Diário. T. I. 24/10/1908. P. 175.). Contudo, com muito atraso, Ramiro de Maeztu responderia com uma carta, que foi publicada como prólogo na primeira edição e mantida até a versão definitiva. E as desculpas pelo atraso no prólogo vinham logo nas primeiras linhas. Segundo Maeztu, “pelo fato mesmo de que esse seja um livro importante, tenho demorado durante meses no cumprimento do bondoso encargo que você me fez” (ARGUEDAS. 1937. P. XIII.).

A versão definitiva de *Pueblo enfermo* também seria comentada no diário pessoal de Alcides Arguedas. Principalmente porque Arguedas, mesmo longe da Bolívia, na residência de Couilly ou em qualquer outro lugar onde esteve durante aqueles anos, nunca deixou de acompanhar pelos jornais e por notícias trazidas por amigos o desenvolvimento da Guerra do Chaco. “E é a guerra com todos os seus horrores” (Diário. T. VIII. 11/12/1928. P. 256.). Os horrores e a miséria advindos da guerra

causavam tanta repulsa ao escritor que este não deixou de registrar no Diário:

Veremos enlutados todos os lares e vazias as arcas de suas fortunas, porque a guerra há de consumir não só a riqueza pública senão a dos particulares que estava confiada aos bancos, e da qual há de lançar mão o governo para por fim à sua terrível aventura... A pobreza, o pesar e o desespero serão os frutos dessa loucura (Diário. T. VI. 01/01/1933. P. 91.).

O mais interessante na terceira edição de Pueblo enfermo é o acréscimo do capítulo final que é uma pergunta: o que os militares farão da Bolívia? Naquele ano de 1936 tinha início, através de mais um golpe de Estado, a presidência militar do coronel David Toro seguida pela de Germán Busch, populistas de esquerda e conhecidas como “socialismo militar” (KLEIN. 2008. P. 211 e segs.). Na verdade as medidas tomadas tinham caráter muito mais populista que socialista e, de promesas de maior justiça social, acabaram descambando para o conservadorismo. Mais uma vez Arguedas aproveitava a deixa histórica para fazer sua condenação aos mestiços. Segundo Alcides Arguedas,

se a conformação física delata ordinária, ou pobre e vulgar ascendência, os recursos morais confirmam a baixa extração; a arrogância insolente com o que anda longe do governo e a servil submissão para com o que manda (...) (1937. P. 260.).

Eram os mestiços, na maior parte, que apoiavam a escalada dos militares ao comando do Estado boliviano. Arguedas constatava com veemência que a maior parte da classe militar carecia de formação adequada e que eram irremediavelmente incultos.

A generalidade carece de cultura e desconhece totalmente toda disciplina e poucos são os que sobressaem por sua conduta e sua distinção natural, e menos por sua elegante postura e suas maneiras de gentes educadas e de sociedade (1937. P. 263.).

A terceira edição (1937) de Pueblo enfermo impôs a Arguedas, como já dissemos antes,

uma revisão histórica da Guerra do Chaco. Deste modo, antes do fim da disputa entre bolivianos e paraguaios, Arguedas já adiantava o insucesso da campanha. Segundo Arguedas,

os inválidos de guerra, os mutilados de guerra, os heróis da guerra, são os que amanhã farão a revolução e os que esgotarão os recursos fiscais fazendo-se pagar aposentadorias, indenizações, prêmios e honrarias. Verdade que muitos, a maioria, não terão sequer esta compensação: os pobres índios, por exemplo. Viverão loucos, ou cegos, ou com um braço a menos, com uma perna a menos e serão as verdadeiras vítimas desta grande loucura. Os outros, os militares, serão os favorecidos, os enriquecidos e condecorados! Os heróis, enfim! (Diário. T. VI. 21/04/1933. P. 110.).

Os males da Bolívia, segundo Arguedas, nunca poderiam ser solucionados devido à inferioridade racial de seu povo. Na terceira edição, nada mais fez do que radicalizar seus argumentos. Suas ideias sustentavam-se no pensamento regeneracionista de Maeztu, Picavea, Unamuno etc.

Desde o estouro da Guerra do Chaco, aumentou o interesse do mercado editorial na reedição de *Pueblo enfermo*. Os editores bolivianos insistiam na compra dos direitos autorais devido a que em períodos de convulsões como as que viviam na Bolívia o interesse por obras de interpretação sociológica aumentava a olhos vistos. Além disso, Arguedas havia se tornado um ícone dos jovens intelectuais pacenhos que estavam ávidos pela leitura de sua obra. Mesmo assim, o compromisso, e possivelmente a oferta, com o editor espanhol foi determinante.

Em fevereiro de 1933, Arguedas resolve reescrever seu livro. “Dedicarei um mês ao livro, três ou quatro horas por dia; e, uma vez concluídas as adições, viajarei a Barcelona para falar pessoalmente com Tasso” (Diário. T. VI. 21/04/1933. Pp. 94-95.). Finalmente, em agosto daquele ano, Arguedas acertava a publicação de *Pueblo enfermo* com o editor espanhol e enviava os acréscimos à obra. “E agora será um volume nutrido de leitura, copioso e abundante” (Diário. T. VI. 21/04/1933. P. 154). Sem dúvida, a última edição que Arguedas lançaria de *Pueblo enfermo* era mais rigorosa e sistemática que aquela de vinte e oito anos antes. Demonstra isso a metodologia de trabalho que Arguedas imprimiu à obra e deixou registrada em seu diário pessoal. De acordo com Arguedas,

cada matéria de Pueblo enfermo me dá motivos para recordar minhas leituras, revisar minhas fichas e colocar em dia minhas observações. O velho texto do livro é uma tela remendada com retalhos novos; porém são tantos os remendos que o traje há de resultar flamante pois trato de fazer que apareçam o menos possível as costuras. Levou, até agora, quarenta e cinco correções, ou adições que vão dar, pelo menos, noventa páginas. Suponho que me faltam outras tantas. E isto quer dizer que o livro terá cento e oitenta páginas novas, por vinte e cinco ou trinta substituídas ou apagadas. De modo que a obra apresentará outro aspecto exterior ainda que conservando o mesmo espírito, um pouco mais aberto ao espetáculo dos países, coisa que faltava ao velho livro (Diário. T. VI. 21/04/1933. P. 96-97.).

O capítulo final do livro, que discorria sobre os militares, foi acrescentado à obra em março de 1936. Era o já comentado capítulo onde Arguedas previa o possível “papel que assumirão nos atuais momentos e neste país. É um capítulo severo e duro, porém com conselhos sãos aos militares” (Diário. T. VII. 28/03/1936. P. 212.). Arguedas dava por encerrado o trabalho de revisão e acréscimos ao livro logo no mês seguinte. Nem é preciso dizer que o escritor escolheu o momento mais pertinente para o relançamento da obra. Com a fama que acumulou ao longo dos anos, a terceira edição de Pueblo enfermo colocaria Arguedas entre os escritores bolivianos mais lidos de todos os tempos.

Graças a Deus! Agora, neste momento, às dez e dez da manha, coloquei a grande palavra FIM ao último capítulo de Pueblo enfermo. Saio deste trabalho como de um pesadelo. Me ocupei alguns meses, interrompido por penas e desgostos, e me cansei muito. Porém já estou livre dele, por sorte (Diário. T. VII. 28/03/1936. P. 220.)!

No contexto boliviano da década de trinta, o relançamento de Pueblo enfermo era para abalar as estruturas. Mesmo porque, um mês após a entrega das provas para o editor, em maio, os militares deram um golpe de Estado. Ao fim do livro, Arguedas, que dizia não temer a guerra, mas seus heróis, anotava:

Se os militares, para reabilitar-se, realizam uma boa obra, melhor para eles:

terão devolvido algo do que devem ao país e reintegrarão, com forças morais os bens materiais que perderam. E o país, ainda que diminuído, lacerado e humilhado, usará uma vez mais dessa sua formidável falta de memória e de vontade para fazer o silêncio e deitar sobre esse imenso e pavoroso ossário do Chaco o imenso e piedoso sudário do esquecimento (1937. P. 268.).

### **A nação boliviana em Pueblo enfermo**

Alcides Arguedas acreditava que o século XIX foi responsável pela fracassada nação boliviana que herdou o século XX. Os problemas que Arguedas aponta para a Bolívia dependiam de uma visão pouco dinâmica da história. Isto quer dizer que entender que o século XIX determinou o século XX pode ser a armadilha que capturou a análise arguediana. Em Pueblo enfermo, os governantes bolivianos de origem mestiça teriam forjado uma nação de caráter absolutamente doentio. Para tanto, Alcides Arguedas evoca uma melancólica reflexão de Simón Bolívar:

não há boa fé na América, nem entre os homens nem entre as nações. Os tratados são papéis, as constituições, livros; as eleições, combates; a liberdade, anarquia; e a vida, um tormento (1937. P. 179.).

Os males da nação, afirma Millán, não provinham de sua estrutura, mas da conduta individual de seus membros. Governos como o de Belzú, Linares, Achá, Melgarejo, Morales, Ballivián, Frías, Daza e Campero, significavam, para além do caudilhismo bárbaro, o retrato de uma nação doente porque feita de mestiços, cholos. De modo que a raça, para Arguedas, pesa verticalmente sobre o homem (MILLÁN. 1979. P. 196.). Sua ação é determinante e somente a cultura e a educação podem atenuá-la, mas não curá-la. Segundo Alcides Arguedas a nacionalidade boliviana formada no século XIX

desconhecia o princípio de autoridade e não havia nem solidariedade de princípios, nem um critério adequado para encarar de uma vez o problema único da legitimação da nacionalidade sobre a base da cultura geral e intensiva, da riqueza privada, das vias fáceis de comunicação, da despensa barata e da ido-

neidade administrativa (1937. P. 192.).

Edmundo Paz Soldán, que realizou um importante estudo sobre a obra de Arguedas, entende que, segundo o autor de *Pueblo enfermo*, não existiria terapêutica possível para um povo racial e moralmente degenerado. O autor entende que a filiação de Arguedas às ideias hitleristas somente confirmavam sua crença no discurso da degeneração. No entanto, Soldán não considera que tal discurso acaba por remeter ao seu contrário que era o da regeneração.

No plano político e social, o Regeneracionismo espanhol, esta expressão de pensamento tão diversificada, colocou-se contra as ideias anti-revolucionárias e anti-liberais do restauracionismo espanhol no século XIX. O Regeneracionismo advogava a reflexão krausopositivista de que a sociedade somente poderia ser “curada” mediante a liberdade de pensamento e numa educação fundada na liberdade de cátedra e na tolerância acadêmica. O Regeneracionismo, em busca de cura para um povo enfermo, procedia na análise rigorosa (científica) dos fatores biológicos e geopolíticos que condicionavam a psicologia nacional. Na verdade, era uma leitura do cientificismo predominante na época e uma reação à ideia de restauração na Espanha (FRANCOVICH. 1985. e ARNADE. 2008.).

Não foi a primeira viagem de Arguedas para a Europa, em 1903, que o colocou em contato com obras do Regeneracionismo como as de Ricardo Macías Picavea, Joaquín Costa, Miguel de Unamuno etc. Tais autores já eram por demais conhecidos da comunidade intelectual pacenha através dos periódicos que chegavam da Espanha. A crítica à Restauração já era debate frequente entre os liberais da época e Arguedas estava entre eles. A crítica social e política imposta pelos regeneracionistas, a visão pessimista da nação e das nacionalidades, as ideias racistas, a ideia da cura pela educação etc., foram alguns elos entre o Regeneracionismo e Alcides Arguedas que nunca se partiram. Entretanto, a tese de Arguedas acaba por esbarrar no determinismo gerando a contradição característica de sua narrativa. Teodósio Fernández Rodríguez ressalta que “Arguedas, a quem o instrumental científico europeu – sobretudo o francês – havia dado uma visão determinista das possibilidades de seu país, inclinou-se pelos regeneracionistas” (1996. P. 466.).

Alcides Arguedas reforçou sua crença nas possibilidades objetivas do Regeneracionismo e isso é de fácil percepção na simpática correspondência que manteve com Miguel de Unamuno a partir da publicação de *Pueblo enfermo* (Ver: CRESPO. 1979.) até a morte do filósofo basco em 1936. Com Unamuno ele entendeu o krausopositivismo e ficou imbuído da ideia de que a mudança partiria apenas de uma atitude mais incisiva das elites intelectuais. A revolução possível se dava pelo conhecimento da história como ferramenta de luta. Do Regeneracionismo, Alcides Arguedas entendeu que a enfermidade de seu povo possuía cura. Sua obra assume um contorno cirúrgico na medida em que busca diagnosticar o mal para saná-lo. E a marca do enfermo é uma clara releitura regeneracionista.

Antonio Lorente Medina diz que há uma tensão ambivalente produtora de um quadro oscilatório entre a caricatura estereotipada e o reflexo fiel do pensamento do autor na obra de Alcides Arguedas (MEDINA. 1986. Pp. 177-186.). De modo que a estereotipação faz parte de uma estratégia narrativa adotada pelo autor modernista. No entanto, como supõe a reflexão de Medina, o controle dessa fronteira é muito precário, porque pressupõe a tensão entre o narrador-autor e o personagem-poeta (1986. Pp. 177-186.).

Aquí cabe uma pergunta: existiria alguma tensão no pensamento de Arguedas na criação do esteriótipo de um povo doente e débil? Charles Arnade, em um estudo fulcral para a compreensão da historiografia colonial e hodierna da Bolívia, ressalta que Arguedas utilizava-se da história como forma de diagnóstico da sociedade boliviana e matéria-prima para o impacto político. De acordo com Arnade, para Arguedas “a sociologia e a literatura deveriam enfatizar o negativo para descrever com honestidade a realidade” (2008. P. 66.). Na interpretação de Arnade, Alcides Arguedas entendia que o negativo produziria o positivo. Que o fato de a Bolívia se mirar no espelho faria com que a visão de uma realidade doentia produzisse uma cruzada pela cura.

Contudo, não há que se pensar que a postura intelectual de Arguedas não estivesse carregada de interesses políticos e, de certo modo, dos interesses de seu grupo de pertencimento. Lançar uma reprovação a elementos étnicos considerados inferiores é uma forma de excluí-los dos círculos

do poder. Um estudo interessante sobre o nacionalismo na Bolívia dos caudilhos, demonstra que a invenção de tradições era uma constante na criação dos nacionalismos na América. O governo Manuel Isidoro Belzú utilizou dessa estratégia em larga medida e possibilitou, de acordo com Heather Thiessen-Reily, “que as classes mais baixas e indígenas interpretassem e definissem a nação por si mesmas” (PAMPLONA; DOYLE. 2008. P. 364.).

As elites políticas e econômicas bolivianas não podiam concordar com uma nacionalidade que incluísse indígenas e cholos. Belzú, ele próprio um mestiço, foi acusado de demagogia e corrupção pelos mandatários locais e estrangeiros. Numa época de mercantilismo encabeçado pela Inglaterra, com a conivência das elites econômicas bolivianas, proteger a indústria nacional era uma afronta considerável. Na interpretação de Thiessen-Reily,

Se as elites bolivianas puderam lançar essa ideia e reduzir Belzú a nada mais que um caudilho bárbaro, poderiam também reduzir os que o seguiam a nada mais do que uma massa supersticiosa e facilmente manipulada, carente de livre-arbítrio e inteligência (PAMPLONA; DOYLE. 2008. P. 364.).

O pensamento arguediano coaduna com a interpretação anterior de Thiessen-Reily acerca das elites econômicas e donas do poder bolivianas. Elas nunca aceitaram a ideia de uma nação eminentemente índia. Pior ainda, de uma nação mestiça. Belzú, o “leão do norte”, que Arguedas denomina de “caudilho da plebe”, é o próprio estereótipo cholo duramente criticado em Pueblo enfermo.

É evidente que Alcides Arguedas opera uma reprodução do discurso hegemônico que sustenta um sistema de exclusão fundamentado no ideário racista. O mestiço na obra de Alcides Arguedas, como já dissemos, não passa de uma quantidade negativa. No entanto, como era adepto de ideias positivistas, de alguma maneira, terminava por acreditar no progresso humano.

De acordo com Soldán, “Arguedas, incapaz de abandonar a vontade regeneracionista, pese seu discurso da degeneração, anima-se, porém, a oferecer uma terapêutica” (2003. P. 93.). Na verdade, Arguedas é um autor bastante contraditório. Faz uma condenação racial mas acredita na regeneração

pelo viés da aquisição de conhecimento e cultura. Claro que os valores da classe a que pertencia serviam de modelo para pensar uma terapêutica para a nação boliviana. Assim, sem nenhuma originalidade, Alcides Arguedas propõe uma terapêutica, evidentemente positivista, centrada na educação nacional.

### **As redes intelectuais norteadoras de Pueblo enfermo**

A noção de rede intelectual diz respeito àqueles que exercem a pesquisa e a docência no nível superior, incluindo também escritores, políticos, diplomatas, profissionais liberais e líderes sociais que, pela natureza do trabalho que exercem, são reconhecidos como agentes no interior do campo. De acordo com Eduardo Devés-Valdés, uma rede intelectual é formada por um conjunto de pessoas ocupadas na “produção e difusão do conhecimento, que se comunicam em razão de sua atividade profissional, ao longo dos anos” (2007. P. 30.).

Muitas vezes, a noção de redes deve ser ampliada para compreender os contextos de produção e leitura de obras que não tiveram necessariamente qualquer correspondência entre seus autores, mas compartilharam de comunidades argumentativas ou de debates. Desse modo, das redes textuais participam autores de tempos passados ou autores da mesma comunidade linguística ou de outro contexto idiomático. Ocorre que ideias são construídas a partir de relações históricas que levam em conta a filiação intelectual para além da rede. As redes, portanto, “são contextos nos quais a escrita de uma obra ou de um conjunto de obras se temporaliza” (ARMANI. 2013. P. 141.).

As redes intelectuais podem ser redes textuais que definem pensamentos sobre o estado-nação construídos em contextos diferentes como, por exemplo, o arielismo. A esse respeito, Devés-Valdés assinala a correspondência de José Enrique Rodó, autor da influente obra *Ariel* (1900), no ensaísmo latino-americano do início do século XX, com intelectuais da América Latina e da Europa como, por exemplo, Alcides Arguedas e Miguel de Unamuno. Certamente, também existiam problemas atinentes às redes arielistas como o elitismo intelectual, o caráter predominantemente masculino e a incapacidade idiomática de estabelecer contatos com toda a América Latina. A despeito disso, vale

evidenciar que essas parcialidades não impossibilitam o entendimento da rede de circulação de ideias na América Latina.

A oscilação entre a onda modernizadora e a perspectiva identitária é um ponto importante a ser assinalado no conjunto de ideias dos pensadores latino-americanos de início do século XX. Os primeiros decênios reforçaram os estudos identitários cristalizados pela obra *Ariel*, de José Enrique Rodó. Déves-Valdés (1997) afirma que o arielismo é um reforço culturalista que vai ao encontro de movimentos nacionalistas. *Ariel* é um manifesto antiautoritário. Um libelo que coloca a razão e a cultura por sobre o canibalismo utilitário norte-americano. É a formulação de um modelo identitário de reivindicação, defesa e exaltação da latinidade.

A interpretação arguediana da psicologia racial do povo boliviano, portanto, só foi possível a partir de uma nova configuração do positivismo. Não se tratava mais de pensar num positivismo ortodoxo, mas da capacidade de adaptação teórico-metodológica da análise histórica sem desprezar as conquistas dessa corrente. A historiografia arguediana é metódica, dita “positivista”, posto que sua produção está ancorada em uma visão evolucionista, progressista, gradualista, antirrevolucionária e, principalmente, atualizada pelo método crítico ou heurístico. Isso significa dizer que seu discurso esteve influenciado por modelos europeus de análise que colocavam seu paradigma civilizatório como meta. As gerações intelectuais de início do século XX, nas quais é possível incluir Alcides Arguedas, faziam duras críticas ao positivismo, no entanto, não renunciaram às suas conquistas.

A ideia de nação era a tópica das obras de ensaístas que, como Alcides Arguedas, entendiam que esse era um projeto inacabado e, por isso mesmo, carente de debates. A temática da identidade nacional e as dificuldades de ordenar a diversidade identitária, de acordo com Cláudia Wasserman, “foi uma constante nas discussões políticas e historiográficas latino-americanas” (2007. P. 268).

Nesse sentido, a tarefa da história, numa leitura da obra de Alcides Arguedas, repousa em seu valor pedagógico e curativo. Os eventos passados são instrumentos de cura pela educação cívica. A ideia da aplicação de uma patologia analítica para curar é comum no conjunto da obra de Alcides Arguedas. Assim, por ser o trabalho que marcou de modo indelével sua carreira de escritor,

Pueblo enfermo (1937) apresenta a psicologia racial boliviana como uma tentativa de apresentar um diagnóstico que poderia levar à cura. De certo, na obra de Arguedas, “o futuro e o final utópico é que dão aos eventos presentes e passados seu sentido e sua realidade” (REIS. 1996. P. 25).

Os autores ensaístas latino-americanos, tributários do arielismo e do positivismo, tinham uma visão pessimista do desenvolvimento racial de seus países. Eles equacionaram suas análises ao evolucionismo social e linear que colocava as nações da América Latina em uma escala unilinear inferior de desenvolvimento civilizacional. Cláudia Wasserman (2007) chama a atenção para a complexidade da vida intelectual dos escritores latino-americanos do início do século XX no que diz respeito ao seu escopo teórico-metodológico. Esses intelectuais colocaram-se entre a adoção do darwinismo social e racista e a condenação da nordomania na economia e na cultura das sociedades latino-americanas. Apesar da visão carregada de valores racistas, a ideia de uma pedagogia nacional poderia reverter, na perspectiva desses autores, um quadro humano esgotado pelos vícios de um processo civilizacional inacabado.

Quando pensamos na obra de Alcides Arguedas, não podemos desprezar o largo alcance da rede intelectual e contextual em que esteve envolvido. Sua adesão ao arielismo, se não é ortodoxa, pelo menos é muito próxima da visão de Rodó. Considera-se que há certo exagero em atribuir a Rodó o pioneirismo no ensaio latino-americano e de ser o fundador de uma espécie de éthos da latinidade. A verdade é que José Enrique Rodó construiu sua obra a partir de premissas eidológicas já estabelecidas por escritores como Ernest Renan, Rubém Darío, José Martí, Paul Groussac, Eduardo Prado e Ernesto Quesada.

Por seu turno, Rodó também impactou a geração de jovens intelectuais do início do século XX. A leitura de Ariel permite depreender que Rodó pleiteava uma cultura livre de norteamericanismos, mas aludia à superioridade da cultura europeia. A tónica dominante dos discursos dos jovens intelectuais latino-americanos apresentava a temática da patologia racial associada à pedagogia nacional.

A fortuna crítica das obras de Alcides Arguedas, vista a partir de seu diário pessoal, dá

uma demonstração do envolvimento do escritor nas redes intelectuais e contextuais importantes em sua época. É possível observar também que esses documentos oferecem uma cartografia eidológica interessante para a história intelectual. Para tomar apenas o caso de sua obra mais conhecida, as anotações no Diário acerca de *Pueblo enfermo* revelam os processos de produção, edição, distribuição e a fortuna crítica da primeira e da terceira edição da obra.

Como dissemos, não há dúvidas sobre o impacto de *Pueblo enfermo* junto aos leitores e ou intelectuais bolivianos. Arguedas estava em Paris, em março de 1909, quando recebeu os primeiros exemplares da obra. Arguedas confessava que sabia que não seria um livro impactante no mundo, mas causaria furor na Bolívia, lugar onde “ninguém trabalha”.

E, no entanto, deve ser precisamente na Bolívia que me atacam e insultam. Todos devem sentir-se no direito de me atirarem a pedra sem parar para refletir que há desinteresse em quem, por se leal, com seu próprio pensamento, atira – como diz Maeztu – o saco que contém a sua fortuna para a outra margem do rio. Foi aí que proclamaram a inutilidade do meu trabalho, se a intenção for corrosiva, mas em voz baixa devo concordar. E somos desleais, hipócritas e invejosos. (Diário. T. XII. 17.03.1909. P. 9).

A fortuna crítica da obra, apresentada por Arguedas no Diário e, em parte, confirmada pela Fundación Manuel Vicente Ballivián (1979), na reunião da correspondência do escritor, revela a rede intelectual à qual estava vinculado.

A relação de Arguedas com José Enrique Rodó ainda é pouco estudada. No entanto, sabemos que o escritor de Ariel tomou conhecimento do lançamento de *Pueblo enfermo*. Na verdade, tudo que sabemos sobre as impressões de Rodó a respeito do livro de Arguedas, foi aquilo que o escritor boliviano anotou. No prefácio escrito em 1936 para a terceira edição de *Pueblo enfermo*, Arguedas revela que Rodó comentou seu livro em uma “epístola confidencial” ainda no calor do lançamento da primeira edição em 1909. De acordo com Rodó, os males assinalados por Arguedas para a Bolívia não são uma exclusividade daquele país e é preciso “lutar contra eles animados pela esperança e a fé no porvir”. No prefácio à terceira edição de *Pueblo enfermo*, Arguedas confessa a pertinência das críticas

feitas por Rodó e apresenta as arestas assinaladas por ele na mencionada “epístola confidencial”.

Você intitula seu livro: Povo doente. Eu o intitularia: Povo jovem. É talvez um conceito mais amplo e justo, e não exclui, mas, de certa forma, inclui o outro: porque a primeira infância tem doenças próprias e peculiares, cujo remédio mais eficaz está na própria força da vida, nova e prosperando, para saltar sobre os obstáculos que se opõem a ele (RODÓ. Apud. ARGUEDAS. 1937. P. IX.).

Arguedas acreditava que a infância das sociedades latino-americanas, apontadas por Rodó na missiva acima, era um obstáculo ao desenvolvimento da civilização nos moldes europeus. Não é difícil depreender do conjunto de ideias norteadoras do pensamento de Arguedas uma visão muito próxima da concepção da antropologia evolucionista. Quer dizer, entre os três períodos étnicos na evolução social da humanidade - selvageria, barbárie e civilização – propostos por Lewis Morgan, na visão arguediana, a Bolívia ainda estava longe de alcançar o último estágio.

Como apreciador da literatura regeneracionista espanhola, Arguedas também recebeu cumprimentos de dois expoentes dessa geração. Ramiro de Maeztu, autor do prefácio de Pueblo enfermo, escreveu a Arguedas felicitando-o pelo trabalho. Maeztu dizia que Arguedas “publicou um bom livro, destinado, se muito não me engano, a deixar marca na história de seu país” (MAEZTU apud ARGUEDAS. Diário. T. XII. 22.03.1909. P. 10.). No fim do mês de abril de 1909, Miguel de Unamuno parabenizava Arguedas e dizia já ter escrito pelo menos três artigos sobre Pueblo enfermo. Unamuno dizia que ainda iria dedicar “a escrever mais sobre seu trabalho, já que este é um dos mais sugestivos que conheço e, assim, o declaro” (UNAMUNO apud ARGUEDAS. Diário. T. XII. 30.03.1909. P. 29.).

O escritor sionista Max Nordau escreveu que o livro de Arguedas era corajoso e patriota. “Eu tenho a mais profunda estima pelo patriota, pelo homem que não hesita em dizer tais verdades à sua terra afim de curá-la” (NORDAU apud ARGUEDAS. Diário. T. XII. 05.05.1909. P. 29.). No fim de abril de 1909, Vicente Blasco Ibañez, também parabenizava Arguedas por Pueblo enfermo. As nações americanas, para o autor de Sangue e areia (1908) e Os quatro cavaleiros do apocalipse

(1916), “são como pedaços da alma de nossa história. De todas, a Bolívia, por seu isolamento e até por suas desgraças, é uma das que mais me interessam” (IBAÑEZ apud ARGUEDAS. Diário. T. XII. 23.04.1909. P. 30.). Carlos Octavio Bunge felicita Arguedas pelo livro corajoso e criterioso. Assegura que o uso da sociologia europeia como base teórico-metodológica para o estudo das nações latino-americanas é o método correto a ser empregado. De acordo com Bunge, Alcides Arguedas estuda a psicologia coletiva segundo seus fatores históricos e geográficos em “suas manifestações de sociabilidade e cultura”. Bunge afirma que Arguedas segue “um método que não posso fazer menos do que aprovar e aplaudir. Assim, a psicologia social e a sociologia são verdadeiras ciências”. O método crítico da historiografia positivista também é realçado na análise de Bunge quando elogia o tratamento que Arguedas propõe “para a enfermidade de sua pátria. Sua terapêutica é excelente” (BUNGE apud ARGUEDAS. Diário. T. XII. 28.05.1909. P. 30.). Outros intelectuais, para quem Arguedas revela ter enviado exemplares do livro, não pronunciaram “nem uma palavra. Possivelmente, quererão ler o livro para agradecer-me depois” (Diário. T. XII. 20.04.1909. P. 10.).

A terceira e definitiva edição de Pueblo enfermo (1937) foi marcada pelo selo da Guerra do Chaco (1931-1936). Esta é, sem dúvida, uma versão de Pueblo enfermo muito mais política e crítica que as duas edições anteriores. Vinte e oito anos depois da primeira edição, a versão revista e ampliada de Pueblo enfermo causou tanto impacto quanto a primeira edição do livro. O desastre do Chaco, como já vimos, provocou convulsões sociais profundas e os militares que retornavam da guerra alcançaram os primeiros postos do governo com o apoio popular. Para Guillermo Francovich, “a imprevisão política, as rivalidades pessoais, a incompetência militar, conduziram ao doloroso desenlace que não foi senão o resultado dos erros cometidos nos anos que precederam o conflito” (1985. P. 104.).

A propósito, a revisão imposta por Arguedas à terceira edição assume caráter panfletário na medida em que se tornou uma denúncia ao saldo catastrófico da guerra contra o Paraguai e à imediata ascensão dos militares ao poder na Bolívia. E os militares, era o que denunciava Arguedas, no capítulo acrescido a essa edição, andavam dispostos “a escrever uma página entre as páginas lodosas e sangrentas da história desse país com triste e vergonhosa história” (1937. P. 258). Toda a confusão

que se estabelecia no cenário político-social boliviano, afirmava Arguedas, provinha de um povo que parecia ter perdido sua “virilidade nas areias do Chaco” (1937. P. 267).

A trajetória editorial da terceira edição de *Pueblo enfermo* está registrada no diário pessoal de Alcides Arguedas. A inserção de Arguedas na história do seu tempo implicava na presentificação narrativa da história boliviana. O relato de si evidenciava a criação de um alter ego coerente com as posturas políticas que assumiu ao longo dos anos.

Os relatos do processo de edição da obra expõem o alcance das redes intelectuais para além dos escritores dos livros. Na passagem do século XIX para o XX, os editores de livros executavam trabalhos técnicos e intelectuais nos processos de produção. Eram mecanógrafos, revisores e, muitas vezes, críticos das obras que recebiam para editoração e lançamento. Alcides Arguedas, que desde 1933 pensava em reeditar *Pueblo enfermo*, já conversava em La Paz com os livreiros e editores da família Arno e, em Barcelona, com Elena Matamala, viúva do editor Tasso. Em dezembro de 1933, Alcides Arguedas decide relançar a obra.

Depois de uma longa troca de cartas com o editor Tasso, sobre uma terceira edição de *Pueblo enfermo*, por fim, colocamo-nos em acordo com as condições [de publicação]. Há anos ele me escreve pedindo autorização para lançar uma nova edição deste livro, e eu sempre me opus enquanto não fizesse as correções, modificações e adições. [...] Hoje está quase concluído. (Diário. T. VI. 25.01.1931. P. 151.).

Além de proceder a uma revisão completa da obra, Alcides Arguedas ainda acrescentou um capítulo final que tratava da ascensão dos militares ao poder logo após a Guerra do Chaco. Para Arguedas, em épocas de crise, não são os mais valentes, os mais inteligentes ou os mais desinteressados que triunfam. Ao contrário, são os homens de “atitudes opostas e antagônicas que se impõe. [...] E isto, e não outra coisa, que explica melhor que nada nossa atual inferioridade” (Diário. T. VI. 07.10.33. P. 159.). O chamado período do “socialismo militar” foi um tempo de aliança entre setores do exército, das esquerdas e dos operários, desde o golpe de David Toro, em 1936, até o suicídio de Germán Busch, em 1939 (KLEIN. 2008).

Alcides Arguedas recebeu dos herdeiros do editor Tasso as primeiras provas de Pueblo enfermo em fevereiro de 1934, quando ainda estava em Barcelona. Arguedas sabia que seu livro seria recebido com protestos assim que fosse lançado na Bolívia porque a crise do Chaco deveria despertar paixões nacionalistas radicais em muitos leitores. “Irão tratar de me causar dano, porém, minha revanche será amanhã quando o país se der conta de seu infortúnio e se veja pobre, arruinado e escarnecido” (Diário. T. VII. 10.08.34. P. 55.). Era grande o descontentamento de Arguedas com os militares derrotados no Chaco que chegaram ao poder na Bolívia. Ainda assim, ele acreditava que seu livro, para além de ser “severo e duro”, também trazia “conselhos sadios aos militares” (Diário. T. VIII. 28.03.36. P. 212.). Por motivo das muitas críticas que Arguedas fez aos militares chegou até a sofrer uma agressão física de Germán Busch no palácio Quemado, em La Paz (Diário. T. VIII. 04.08.1938. P. 43.).

De acordo com as anotações no Diário, o lançamento da terceira edição de Pueblo enfermo, causou pouco impacto editorial na Bolívia. A fortuna crítica da terceira edição não foi registrada no diário pessoal de Alcides Arguedas. Sinal de que não foi tão expressiva a ponto de tomar as preocupações do autor ou, somado a isso, à ocorrência de críticas pejorativas que Arguedas preferiu não registrar. Afinal, o livro tornou-se uma espécie de cabeça de ponte para o reiterado ataque que Arguedas faria ao “socialismo militar” instituído na Bolívia após a derrota para o Paraguai. Seja como for, se podemos falar de alguma polarização existente entre o “antiarguedismo” e o “arguedismo”, acreditamos que ela passou a ter alguma relevância a partir da terceira edição de Pueblo enfermo.

A análise das redes intelectuais e contextuais de Alcides Arguedas permite conceber um mapa eidológico das comunidades argumentativas das quais Arguedas participou e daquelas outras que se apresentaram na periferia das ideias que nortearam seu trabalho. Ao longo dos anos, o diálogo profícuo com Gabriela Mistral, Miguel de Unamuno, Carlos Octavio Bunge, Rubén Darío, dentre outros, proporcionou a formação de um ambiente de circulação de ideias favorável a essa comunidade de debates. A tónica discursiva do diário pessoal de Arguedas, o tom melancólico que assinala sua obra é, sem dúvida, tributária das redes nas quais Arguedas se envolveu.

## Conclusão

A importância de Pueblo enfermo no contexto das análises sociológicas produzidas na América Latina nas décadas iniciais do século XX é inquestionável. Os preconceitos existentes na obra estão equacionados ao corpus eidológico proveniente do ideário clássico herdado do século XIX. A concepção racialista estava em acordo com o positivismo hegemônico no horizonte intelectual da época.

Alcides Arguedas não apresentou nenhuma novidade teórico-conceitual em seu livro. Ao contrário, acompanhou a tendência intelectual da rede com a qual compartilhava ideias. No entanto, no que diz respeito à literatura boliviana, Pueblo enfermo provocou uma verdadeira transformação no modo de interpretar o desenvolvimento sócio-histórico daquele país.

Por maiores que sejam os rasgos do racismo científico na obra, Pueblo enfermo impulsionou a reflexão crítica entre a intelectualidade boliviana. Junto à Creación de la pedagogía nacional (1910), de Franz Tamayo, consideradas as diferenças, Pueblo enfermo modificou a percepção intelectual acerca da história da Bolívia. Certamente, tornou-a mais crítica e menos romântica. Ofereceu subsídios para uma reflexão mais focada no desejo de modificar a realidade histórica boliviana. O próprio movimento indigenista na Bolívia é debitário das reflexões propostas por essas obras. O desejo de curar exposto por Alcides Arguedas, encontrou eco nas reflexões que surgiram após o lançamento de Pueblo enfermo. De certo modo, a reflexão indigenista buscava modernizar o indígena em seu próprio habitat. A crítica de Alcides Arguedas impulsionou essa modernização.

Por fim, tanto Tamayo quanto Arguedas, apontam para a passividade indígena diante dos acontecimentos marcantes da vida nacional. Arguedas, por exemplo, cita a Guerra Federal (1899) como um momento histórico em que os indígenas teriam participado de forma inconsciente e sem compreender do que se tratava. Como dissemos, a crítica de Arguedas serviu para impulsionar a modernização, mas não ofereceu qualquer perspectiva de como fazê-la. No entanto, iria tensionar a

reflexão indigenista na Bolívia. A propósito, a reação indigenista alcançaria êxito sete décadas após o lançamento da terceira edição de Pueblo enfermo com a vitória de Evo Morales, um indígena, nas eleições para o cargo de presidente da Bolívia.

## **Bibliografia**

APPIAH, Kwame Anthony. Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARGUEDAS, Alcides. Diário. XIV vols. Colección Alcides Arguedas. (Archivo y biblioteca nacionales de Bolivia, Sucre). 1900-1946.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Pueblo enfermo. La Paz: Ediciones Puerta del Sol, 1937.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Raza de Bronce – Wata Wuara. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

ARMANI, Carlos Henrique. História intelectual e redes contextuais. Anos 90, Porto Alegre, Vol. 20, nº 37, julho, 2013, p. 137-150.

ARMITAGE, David. A virada internacional na História Intelectual. Intelligere: revista de história intelectual, vol. 1, nº 1, dezembro, 2015. Disponível em [https://scholar.harvard.edu/files/armitage/files/portuguese\\_translation.pdf](https://scholar.harvard.edu/files/armitage/files/portuguese_translation.pdf) Acesso em 14.06.2020.

ARNADE, Charles W. Historiografia colonial y moderna de Bolivia. Cochabamba: Editorial Los Amigos del Libro, 2008.

BRUNSCHWIG, Henri. A partilha da África negra: 1880-1914. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DINIZ, Cláudio. O aprendiz de Dom Quixote: uma página sobre Miguel de Unamuno no diário íntimo de Alcides Arguedas. Cadernos de pesquisa do CDHIS, Uberlândia, vol. 27, nº 1, 2014, p. 231-235. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/29870> Acesso em 08.06.2020.

FRANCOVICH, Guillermo. Alcides Arguedas y otros ensayos sobre la história. La Paz: Librería Editorial Juventud, 1979.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. El pensamiento boliviano en el siglo XX. La Paz: Editorial los Amigos del Libro, 1985.

GOMES, Miguel. El ensayo enfermo: Alcides Arguedas y la radiología. Mendonza, Cuadernos del Cilha, n. 7\8, 2005-2006. Disponível em <http://www.ffyl.unau.edu.ar> Acesso em 19.07.2009.

HOBBSAWM, Eric. A era dos impérios: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KLEIN, Herbert. Historia de Bolivia. La Paz: Librería Editorial G.U.M., 2008.

LLOSA, Mario Vargas. La utopia arcaica: José Maria Arguedas y las ficciones del indigenismo. Lima: Alfaguara, 2008.

MANSILLA, H. C. F. El Surgimiento de los intelectuales en Bolivia: Alcides Arguedas visto por Salvador Romero. Temas sociales, La Paz, Universidad Mayor de San Andrés, n° 34, 2013, p. 13-23. Disponível em <https://repositorio.umsa.bo/xmlui/bitstream/handle/123456789/16310/TEMAS%20SOCIALES%2034.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 18.05.2020.

MEDINA, Antonio Lorente. Alcides Arguedas y La “literatura nacional boliviana”. Epos: revista de filologia, n. 2, 1986. pp. 177-186. in: <HTTP://www.dialnet.unirioja.es>. Acessado em 20/07/09.

MEDINACELI, Carlos. La inactualidad de Alcides Arguedas. La Paz: Los Amigos del Libro, 1972.

MESA, José de; GISBERT, Teresa; GISBERT, Carlos Mesa. Historia de Bolivia. La Paz: Editorial Gisbert, 2008.

MILLAN, Juan Albarracin. Arguedas: la conciencia crítica de una época. La Paz: Edic. Réplica, 1979.

MITRE, Antonio. Alcides Arguedas e a consciência nacional. In: O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

OLIVER, Roland. A experiência africana: da pré-história aos dias atuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

1994.

PAMPLONA, Marco e DOYLE, Don. (orgs.). Nacionalismo no novo mundo. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PASCUAL, Algunos debates intelectuales em torno a lo político y lo cultural: el Colegio Libre de Estudios Superiores en Bahía Blanca, Argentina (1940-1955). Antítese, v. 6, n° 11, janeiro-julho, 2013, p. 236-260. Disponível em file:///C:/Users/claud/Downloads/11357-63563-1-PB.pdf Acesso em 12.05.2020.

REINAGA, Fausto. La revolucion india. La Paz: Ediciones Fundación Amaútica “Fausto Reinaga”, 2001.

REIS, José Carlos. A história, entre a filosofia e a ciência. São Paulo: Ática, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo:Cia das Letras, 1993.

SOLDÁN, Edmundo Paz. Alcides Arguedas y la narrativa de la nación enferma. La Paz: Plural, 2003.

VALDÉS, Eduardo DEVÉS. El pensamiento latinoamericano a comienzos del siglo XX: la reivindicación de la identidad. Cuyo: anuário de filosofia argentina e americana, Mendoza, 1997, n° 14, p. 11-75.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Redes intelectuales en America latina: hacia una constitución de una comunidad intelectual. Santiago: Universidad de Santiago de Chile, 2007.